

Título: A PARTILHA DO *ERA UMA VEZ*: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PARA A AMPLIAÇÃO DAS CAPACIDADES LINGUÍSTICAS

Autoras: Camila Gabriela Pollnow e Mariana Hoffmann

Orientadora: Isabel Monguilhott

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professor da turma: Ângela Beirith

Ano: 8º (2011)

Contextualização do projeto: A ideia central do projeto é a leitura e a produção de contos de fadas a serem contados a crianças internadas¹. O gênero contos de fadas foi escolhido pelo compromisso assumido pela escola de trabalhar os gêneros discursivos e a leitura em todas as áreas do conhecimento com um enfoque para a língua em uso. Além disso, o trabalho pensado pelas estagiárias poderia atender às necessidades dos estudantes e da comunidade em torno da escola a partir da contação de histórias, levando a produção dos estudantes para além das paredes da sala de aula, tornando-as significativas e dando a eles a possibilidade de entrar em contato com a realidade hospitalar. Foram desenvolvidas atividades com as quatro práticas de uso da língua, sendo a produção final do processo de ensino e aprendizagem a

¹ As condições em que o projeto foi implementado possibilitaram um momento de contação de histórias no Hospital Infantil Joana de Gusmão, em Florianópolis. A ideia pode ser adaptada para que a contação de histórias aconteça em outros ambientes a depender das possibilidades oferecidas pelas novas condições em que for implementado.

produção em trios de contos de fadas a serem contados às crianças internadas no hospital infantil.

Cronograma: Para se ter uma ideia do conjunto das ações desenvolvidas ao longo do projeto de docência, apresenta-se, na sequência, o cronograma de atividades.

Aulas	H/A	Conteúdo
1	2	Gênero contos de fadas. Contação de histórias.
2	2	Contos de fadas.
3	2	Contos de fadas.
4	2	Contos de fadas.
5	2	Contos de fadas. Análise linguística.
6	2	Contos de fadas. Contação de histórias.

Gênero textual/discursivo de referência: contos de fadas

Eixo organizador do ensino: escrita e reescrita de contos de fadas; o exercício da leitura de contos de fadas selecionados; o trabalho com a oralidade se deu através da contação dos contos de fadas produzidos às crianças internadas no hospital infantil; e a análise linguística foi trabalhada a partir dos textos escritos pelos próprios estudantes.

Objetivos: Desenvolver as competências de fala/escuta, leitura/escrita e reflexão sobre estratégias discursivas e linguísticas por meio de atividades com o gênero do discurso contos de fadas que contemplem todos esses aspectos/níveis da língua em uso.

Com relação à leitura: Ampliar, por meio do trabalho com as narrativas de contos de fada, as habilidades de leitura e repertório literário, além do gosto pela literatura.

No que se refere ao ensino da escrita: Aprimorar a escrita, assumindo a palavra e, assim, reconhecer essa modalidade de uso da língua, não apenas como produto de uma atividade escolar, mas como possibilidade de dizer para além da sala de aula.

Quanto à análise linguística: Reconhecer que as próprias produções têm um significado e que elas se constituem em ponto de partida para buscar soluções para erros recorrentes, tendo em vista o aprimoramento das capacidades de escrita.

No que tange à oralidade: Valorizar a contação de histórias por ser um meio de interação com o outro a partir da literatura, entre o oral e o escrito.

Metodologia: Na sequência, apresenta-se aula a aula como pode ser desenvolvido este projeto. Nas notas, destaca-se o que foi específico da experiência vivenciada.

Aula 1 (2h/a)

Apresentar o Projeto aos alunos – que consiste em ler e escrever contos de fadas a serem apresentados às crianças internadas no Hospital Infantil Joana de Gusmão (anexo 1).

Apresentar a realidade das crianças que estão internadas no hospital (causas de internação, idade, tempo de internação, rotina do hospital).

Discutir a importância da contação de histórias na comunidade hospitalar, com apresentação de vídeo dos jogadores do Avaí visitando a Ala da Oncologia do Hospital.

Expor diversos livros de Contos de Fadas nas suas versões originais, versões clássicas e nas novas versões, como as várias edições de Chapeuzinho Vermelho e de Cinderela, circulando os livros pela sala e falando sobre eles.

Provocar debate com os alunos a respeito dos contos de fadas conhecidos por eles e do público alvo das histórias em cada uma das versões.

Ler de forma dramatizada a história “A verdadeira história dos três porquinhos”, de Jon Scieszka, para exemplificar a performance a ser produzida ao final do estágio².

Aula 2 (2h/a)

² Essa aula foi pensada a partir do local em que a contação de histórias aconteceria ao fim do projeto e deve ser adaptada para as condições da nova implementação mantendo a essência, isto é, apresentando a ideia da contação de histórias, o local onde vai ocorrer, o público alvo e a importância de tal atividade.

Exibir trechos do filme “Os Irmãos Grimm”, situando o contexto de nascimento e o papel social dos contos de fadas. Orientar os alunos a escrever no caderno todos os contos de fadas que encontrarem implícitos no filme.

Expor imagens de propagandas que utilizam (ou fazem referência) imagens das princesas de contos de fadas³ (anexo 2).

Incitar uma discussão sobre o tema, a partir do filme e da exposição das imagens, fazendo os alunos perceberem as diversas adaptações que acontecem ao longo da história, de como o tema é recorrente (como nas propagandas, no imaginário coletivo, etc.).

Leitura comparada de duas versões do conto de fadas “João e Maria”, a versão adaptada (anexo 3)⁴ e a versão dos Irmãos Grimm (anexo 4)⁵. Distribuir os textos aos alunos e dividir a leitura entre eles segundo os diálogos – um faz o narrador, outro o personagem principal, etc.

Debater e identificar com os alunos as funções exercidas pelos contos de fadas e sobre quem eram os seus interlocutores na função original (de histórias da oralidade recolhidas e passadas para a escrita), escrevendo no quadro as que forem sendo destacadas.

Aula 3 (2h/a)

Apresentar o conto de fadas “A Gata Borralheira” (anexo 5), contextualizando historicamente.

Fazer uma leitura dirigida do conto, dialogando com as leituras das aulas anteriores.

A partir da leitura de um trecho do site humorístico Desciclopedia⁶, identificar, a partir do diálogo com os alunos, os elementos que configuram o gênero, como estilo, a construção do espaço/tempo desse tipo de narrativa, a construção dos cenários, conteúdo temático, público alvo, diferenciação entre fábula e conto (caso isto venha à tona durante a aula).

Entregar o material escrito sistematizando as características específicas dos contos de fadas (anexo 6).

³ Disponível em http://encantamentosdaliteratura.blogspot.com/2010/08/propagandas-e-os-contos-de-fadas-parte_16.html. Acesso em 02.07.2021.

⁴ A versão adaptada do conto João e Maria entregue aos alunos não está mais disponível na internet e por essa razão foi incluída no anexo 3.

⁵ A versão dos Irmãos Grimm entregue pelas estagiárias não é facilmente encontrada de modo gratuito na internet e por essa razão foi incluída no anexo 4, o mesmo acontece com o anexo 5.

⁶ As estagiárias mostraram aos alunos especificamente a seção sobre as “Regras de como fazer um conto de fadas” disponível em: https://desciclopedia.org/wiki/Contos_de_Fada.

Apresentar o conto de fadas “O valente soldado de chumbo” e fazer uma leitura conjunta com os alunos (um aluno faz a leitura, ou dividem por parágrafos entre os alunos).

Exercício de leitura no qual os alunos deverão refletir e identificar, individualmente e por escrito, as características do gênero em questão, de acordo com o roteiro (anexo 7).

Socialização das reflexões produzidas, tendo por base o roteiro.

Pedir que os alunos tragam para a próxima aula o roteiro trabalhado.

Aula 4 (2h/a)

Apresentar a atividade de produção textual a ser realizada. Os alunos deverão, em grupos de três alunos segundo suas afinidades, produzir um texto, em sala, do gênero conto de fadas, que será trabalhado para ser contado às crianças do Hospital Infantil Joana de Gusmão, tendo em vista as características que delimitam o gênero, como o público a que se destina, a estrutura composicional de tempo, espaço, personagens, estilo de linguagem, entre outros. Resgatar o roteiro trabalhado na aula anterior.

Selecionar os trios que realizarão a atividade de produção textual.

Dar o restante do tempo da aula para que os alunos realizem a atividade de produção textual, oferecendo apoio e orientações junto aos grupos.

Recolher os textos produzidos.

Aula 5 (2h/a)

Devolver as produções realizadas pelos alunos, já avaliadas e com sugestões para a reescrita.

Realizar a análise, em conjunto, de um dos contos produzidos pelos alunos, ou de trechos representativos dos problemas mais significativos a serem trabalhados. Os textos podem ser entregues aos alunos em fotocópias e trabalhados com o auxílio de projetor multimídia e de gramáticas e dicionários para a consulta.

Reservar o tempo restante da aula para a refacção dos contos em grupos, oferecendo apoio e auxílio junto aos grupos.

Recolher os contos reescritos.

Aula 6 (2h/a)

Orientar os estudantes para as apresentações orais dos contos produzidos, como técnicas de contação de histórias.

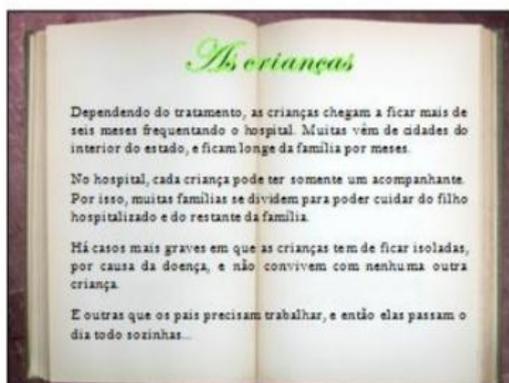
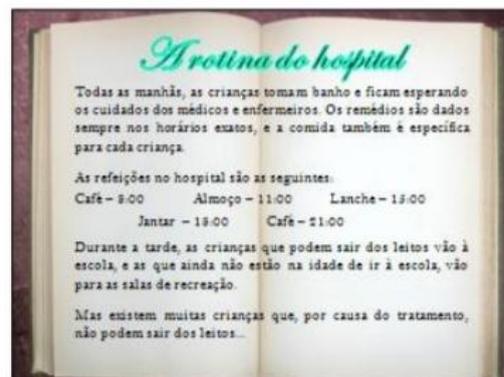
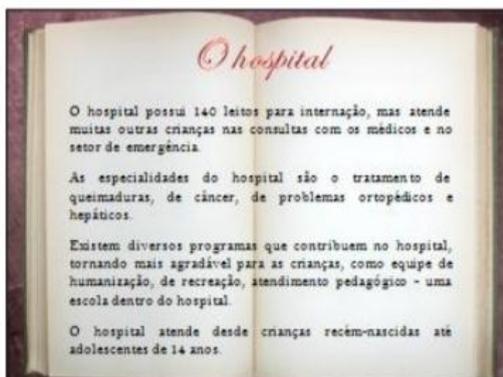
Motivar os alunos em relação aos benefícios da intervenção junto às crianças hospitalizadas.

Realizar ensaios orientados oferecendo apoio a cada grupo.

Fechar o projeto e programar a ida ao hospital.

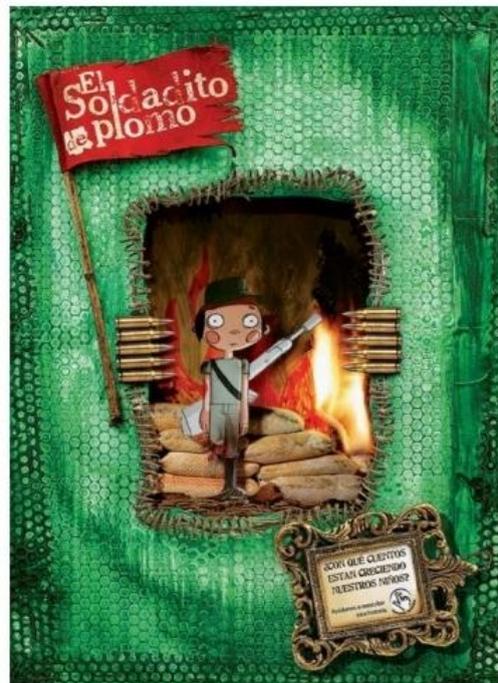
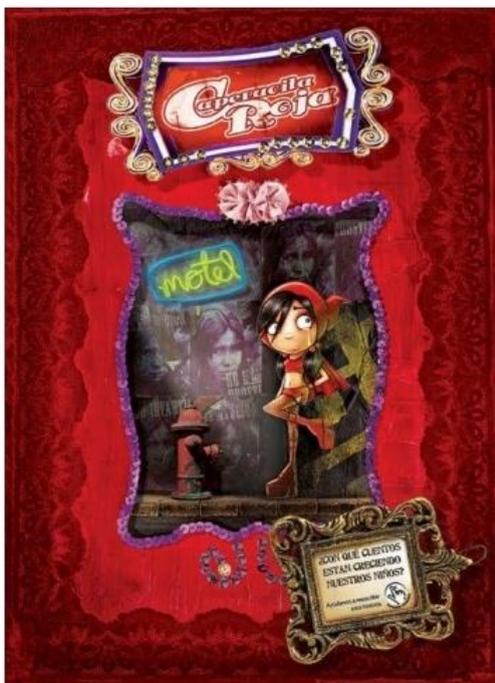
Anexos

Anexo 1 - Slides da aula 1





Anexo 2 - Slides da aula 2





O Boticário

USE O BOTICÁRIO
E PONHA O LOBO MAU
NA COLEIRA.

O Boticário

CONTO DE FADAS
MODERNO NÃO TEM FADAS,
MAS CONSULTORAS
DO BOTICÁRIO.

O Boticário

PARA QUE VARINHA
DE CONDÃO QUANDO SE TEM
MAQUIAGEM O BOTICÁRIO?

O Boticário

USE O BOTICÁRIO
E NÃO DEIXE O DRAGÃO
SAIR DE PERTO.

Anexo 3 - João e Maria versão adaptada

JOÃO E MARIA

Era uma vez um menino chamado João e sua irmã Maria, que moravam em uma casa perto da floresta. Um dia, sua mãe pediu que fossem buscar galhos secos para acender o fogo. Não precisavam trazer muitos, apenas o bastante para acender a lareira.

- Não vão muito longe. Os galhos que temos aqui perto já servem, não vão se perder por aí...

- Pode deixar, mamãe, vamos voltar logo!

E lá se foram os dois procurar gravetos secos por ali, entre várias brincadeiras. Não queriam ir longe, mas estavam tão curiosos com a floresta que resolveram arriscar só um pouquinho.

Maria teve uma ideia genial: foi marcando todo o caminho, para saber por onde voltar: assim não iriam se perder. E brincaram à vontade.

Já estava querendo escurecer quando resolveram voltar. Maria foi logo procurando os pedacinhos de pão que deviam estar marcando o caminho, mas...

Os passarinhos que moravam ali estavam achando ótimo aquele lanchinho, e não deixaram nem um miolinho de pão sobrar. Não havia como achar o caminho de volta para casa. A ideia de marcar o caminho tinha sido ótima, mas não com pedacinhos de pão.

- Agora estamos os dois com fome e perdidos!

Andaram de um lado para outro, mas nada de encontrar o caminho de casa, cada vez mais escuro.

A noite já tinha chegado, quando João teve uma boa ideia:

- Vou subir na árvore mais alta e ver se encontro alguma casa para passarmos a noite.

Maria achou ótimo, pois já estava muito assustada com os ruídos da noite na floresta.

E João encontrou alguma coisa:

- Tem uma luz daquele lado! Vamos lá ver!

Os dois correram na direção da luz acesa da casa mais próxima.

Ao chegarem, viram uma velhinha que parecia muito boazinha e sorridente.

- Venham cá! Venham, meus amiguinhos. Aqui vão encontrar muita comida gostosa.

(os dois estavam morrendo de fome)

Então viram a casa de perto:

- Uuuuuau!

As paredes eram de chocolate com castanhas, o telhado era de brigadeiro, as portas de biscoito fresquinho, as janelas de gelatina, tudo enfeitado com caramelo, sorvete e balas coloridas. Uhmhhh!

- Comam tudo, meus amiguinhos, é para vocês. Depois podem descansar em camas fofinhas e bem quentinhas. Amanhã acharemos a casa de vocês.

E os dois obedeceram contentes, e acabaram dormindo cansados de um dia tão cheio. Acordaram antes de o sol nascer, pensando que estavam na maravilhosa casa de doces.

Mas, que nada:

A casa tinha desaparecido como se fosse mágica. Em seu lugar havia uma horrível casa de bruxa, com morcegos e tudo.

Uma gargalhada terrível vinha da escada, por onde chegou a bruxa malvada com sua coruja:

- Pensaram que iam escapar, não? Vão ficar presos aqui para sempre, e nunca mais vou deixar que voltem para casa. Ha! Ha! Ha!

A bruxa mandou Maria para a cozinha preparar comida para todos: agora ela era a empregada da casa. Tinha que fazer todo o serviço, se não...

Prendeu João numa gaiola e disse:

- Menino: trate de ficar bem gordinho! Quando estiver pronto, vai virar o meu jantar especial. Ha! Ha! Ha!

Maria foi a primeira a reparar que a bruxa malvada não enxergava bem. Tudo ela trazia bem perto dos olhos para ver direito.

Para saber se João estava engordando bem, toda noite chamava o menino e mandava que mostrasse o seu dedinho da mão. Apertava bem, e dizia que ainda estava muito magrinho.

- Maria! Faça mais comida! Ele tem que engordar. Depressa!

João, preso na gaiola já nem sentia fome, de tão triste que estava. Queria voltar a ser livre, correr solto com seus amigos e brinquedos. Lembrava bem como isso era bom. Maria tentava encontrar uma saída para os dois, enquanto fazia o serviço sem nenhum brinquedo. Tinha saudades de tudo em casa, mas como enganar a bruxa e fugir? Foi na cozinha que teve uma ideia:

Colocou para assar no espeto uma galinha, escondendo um ossinho comprido e bem fininho. Quando levou a comida para João, disse a ele bem baixinho, para a bruxa não escutar: -

Esconda este ossinho para fingir que é seu dedo bem magrinho e enganar a bruxa. Ela não enxerga quase nada...

- Quietos aí! Quem disse que podem conversar?

Desse dia em diante, João sempre mostrava o ossinho para a bruxa apertar quando ela queria saber se ele já estava bem gordinho.

- Maria! Esse menino está magro como um palito. Faça mais comida!

E Maria fazia muitas coisas para que os dois ficassem bem fortes para poder fugir.

Em toda parte, a menina procurava o lugar onde a bruxa escondia a chave da gaiola, mas não conseguia encontrar. Tudo agora dependia da força de João para fugirem dali. Naquela noite, João se esforçou muito, e acabou conseguindo soltar a grade da gaiola.

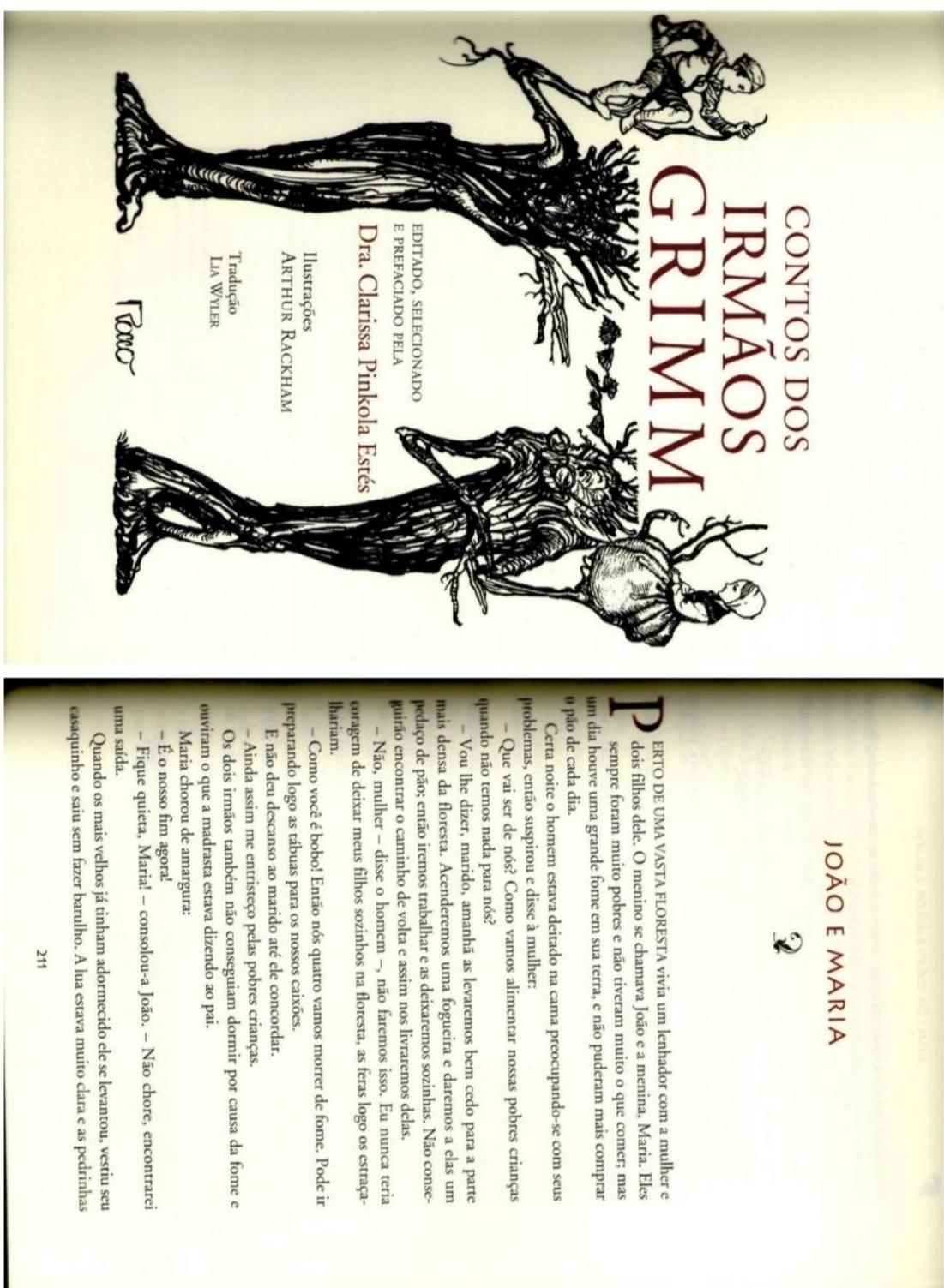
Tinha ficado bem forte, e a bruxa nem sabia disso.

Os dois correram para se esconder na floresta antes que a bruxa acordasse. Na luz do dia, conseguiram achar o caminho de casa, e nunca mais voltaram naquele lado da floresta.

FIM

© Copyright 2001 - 2002 Flávia Feijó. Todos direitos reservados

Anexo 4 - João e Maria versão dos Irmãos Grimm



brancas ao redor da casa brilhavam como moedas recém-cunhadas. João abaixou e encheu os bolsos com todas que pôde.

Voltou então para Maria e disse:

– Fique tranquila, maninha, e vá dormir. Deus não vai nos abandonar, e ele também foi dormir.

Quando o dia raiou, antes de o sol aparecer, a mulher chamou:

– Levantem, seus preguiçosos, vamos à floresta buscar lenha.

Então deu um pedaço de pão a cada um.

– Isso é para o almoço de vocês, mas não comam antes da hora, porque não ganharão mais.

Maria guardou o pão embaixo do avental, pois João tinha os bolsos cheios de pedras. E rumaram todos para a floresta.

Quando se distanciarum um pouco, João parou para olhar a casa e voltou a fazer isso várias vezes.

O pai perguntou:

– João, está parando para olhar o quê? Preste atenção e não pare.

– Ah, pai – respondeu o menino –, estou olhando para o meu gato branco sentado no telhado, querendo se despedir de mim.

– Bobinho! Aquilo não é um gato, é o reflexo do sol da manhã na minha pele.

João não estivera olhando o gato, mas deixando cair uma pedrinha no chão toda vez que parava. Quando já iam longe pela floresta, o pai disse:

– Agora, crianças, carrem um pouco de lenha. Quero fazer uma fogueira para aquecê-las.

João e Maria juntaram uns gravetos e dali a pouco tinham feito uma enorme pilha. Então o pai acendeu a pilha e, quando o fogo pegou, a mulher disse:

– Agora deitem-se perto da fogueira e descansem enquanto cortamos lenha; quando terminarmos voltaremos para buscá-los.

João e Maria se sentaram ao pé da fogueira e, quando chegou a hora do almoço, cada um comeu o seu pedacinho de pão, achando que o pai estava



bem próximo porque podiam ouvir o ruído do machado. Mas não era o machado, era um galho que o homem amarrara a uma árvore seca e que batia quando balançava para a frente e para trás. As crianças ficaram ali tanto tempo que se cansaram, seus olhos começaram a fechar e logo ficaram no sono. Quando acordaram estava muito escuro. Maria começou a choramingar:

– Como é que vamos sair da floresta?

Mas João consolou-a:

– Espere um pouco até a lua nascer e logo acharemos o nosso caminho.

Quando a lua cheia subiu, João pegou a mão da irmãzinha e começaram a seguir os seixos que brilhavam como moedas recém-cunhadas. Caminharam a noite inteira e pela manhã depararam com a casa do pai.

Eles bateram à porta e, quando a mulher a abriu e viu as duas crianças, disse:

– Que meninos malcomportados, por que dormiram tanto na floresta? Achamos que vocês não pretendiam mais voltar.

Mas o pai ficou contente, porque seu coração se condoera ao abandoná-los. Não demorou muito, o casal estava novamente na penúria, e as crianças ouviram a mulher deitada à noite dizer ao marido:

– Comemos tudo outra vez, a não ser a metade de um pão, depois não teremos mais nada. As crianças precisam ir embora; nós as levaremos mais para o fundo da floresta para que não possam encontrar o caminho de volta.

Não resta mais nada a fazer. O homem ficou muito penalizado e disse:

– É melhor repartirmos o último pedaço de pão com as crianças. Mas a mulher não quis escutá-lo, só fez ralar com o marido e censurá-lo. Uma pessoa que já concordou uma vez tem de concordar duas, e ele, tendo cedido da primeira vez, logo teve de ceder uma segunda. As crianças mais uma vez estavam bem acordadas e ouviram a conversa.

Quando os mais velhos foram dormir João novamente levantou-se com a intenção de sair e arrastar mais pedrinhas, mas a mulher trançara a porta e ele não pôde sair. Consolou porém a irmãzinha dizendo:

– Não chore, Maria, vá dormir. Deus nos ajudará.

Muito cedo no dia seguinte a mulher fez as crianças se levantarem e deu a cada uma um pedaço de pão ainda menor que o da vez anterior. A criança da floresta João esfreado-o dentro do bolso e de vez em quando parava para aritar uma migalha no chão.

– João, por que está parando para olhar para os lados? – perguntou o pai.

– Estou tentando ver a minha pomba que está pousada no telhado e quer se despedir de mim – respondeu o menino.



— Que tolinho! — disse a mulher. — Aquilo não é uma pomba, é o reflexo do sol da manhã na chaminé.

Ainda assim, João foi espalhando os farelos aqui e ali. A mulher se embrethou na floresta com as crianças até onde nunca tinham estado na vida. Mais uma vez armaram uma fogueira e ela disse:

— Fiquem aqui, crianças, e quando estiverem cansadas podem dormir um pouco. Vamos mais adiante cortar lenha, e, à noite, quando tivermos terminado, voltaremos para buscá-las.

Na hora do almoço Maria dividia seu pão com João, porque o irmão havia esfreado o dele no caminho. Depois foram dormir e a noite chegou, mas ninguém veio buscar as pobres crianças.

Já estava bem escuro quando eles acordaram e João animou a irmãzinha:

— Espere um pouco, Maria, até a lua nascer, então poderemos ver as migalhas de pão que espalhei para marcar o caminho de casa.

Quando a lua subiu eles começaram a andar, mas não encontraram as migalhas, os milhares de pássaros na floresta haviam ciscado e comido tudo.

João disse à Maria:

— Logo encontraremos o caminho.

Mas não puderam encontrá-lo. Caminharam a noite inteira e todo o dia seguinte, da manhã à noite, e não conseguiram sair da floresta.

Sentiam muita fome, pois não tinham comido nada além de alguns frutos que encontraram. Estavam tão cansados que suas pernas não aguentavam mais caminhar e se deitaram embaixo de uma árvore para dormir.

Quando acordaram de manhã, era o terceiro dia desde que haviam saído da casa do pai. Recomeçaram a caminhar, mas só conseguiram se embrethar ainda mais na floresta, e se não aparecesse socorro logo iriam perecer.

Ao meio-dia, viram um bonito pássaro branco como a neve pousado em uma árvore. Tinha um canto tão belo que as crianças pararam para escutá-lo. Então a ave se calou, bateu as asas e voou em volta deles. As crianças a seguiram e chegaram a uma casinha em cujo telhado a ave pousou.

Quando se aproximaram, viram que a casinha era feita de biscoitos, o telhado de bolo e as janelas eram de açúcar-cande.

— Isso é exatamente o que queremos — disse João. — Vamos fazer uma boa refeição. Vou comer um pedaço do telhado, Maria, e você pode comer um pedacinho da janela, será bem gostoso.

João se esticou e partiu uma migalha de bolo para experimentar que gosto tinha. Maria foi até a janela e deu uma mordidinha. Uma voz meiga chamou de dentro da casa:

— Rói, rói como um ratinho.
Quem está roendo minha casinha?

As crianças responderam:

— É o vento, na terra sopra o vento.
Vento que desce do firmamento.

E continuaram a comer sem se incomodar. João, que achava o recheado muito gostoso, partiu uma boa fatia: Maria tirou uma vidraça inteira da janela e se sentou no chão para se deliciar.

De repente a porta se abriu e uma velha muito velha, que se apoiava em uma muleta, saiu mancando. João e Maria levaram tal susto que largaram o que tinham nas mãos.

Mas a velha apenas sacudiu a cabeça e disse:

— Ah, queridas crianças, que foi que as trouxe aqui? Entrem e fiquem comigo, nada de mau lhes acontecerá.

Ela tomou-os pela mão e levou-os para dentro da casinha. Serviu-lhes um belo almoço, panquecas com açúcar, leite, maçãs e nozes. Depois mostrou-lhes duas caminhas brancas em que eles se deitaram pensando que estavam no paraíso.

A velha, embora parecesse muito simpática, era na realidade uma velha bruxa malvada que ficava à espreita de crianças e construiu a casa de biscoitos para atraí-las. Sempre que conseguia capturar uma criança ela a cozinava e a comia, considerando tudo um belo banquete. As bruxas têm olhos vermelhos e não enxergam muito longe, mas têm o olfato apurado como os bichos e percebem a aproximação dos seres humanos.

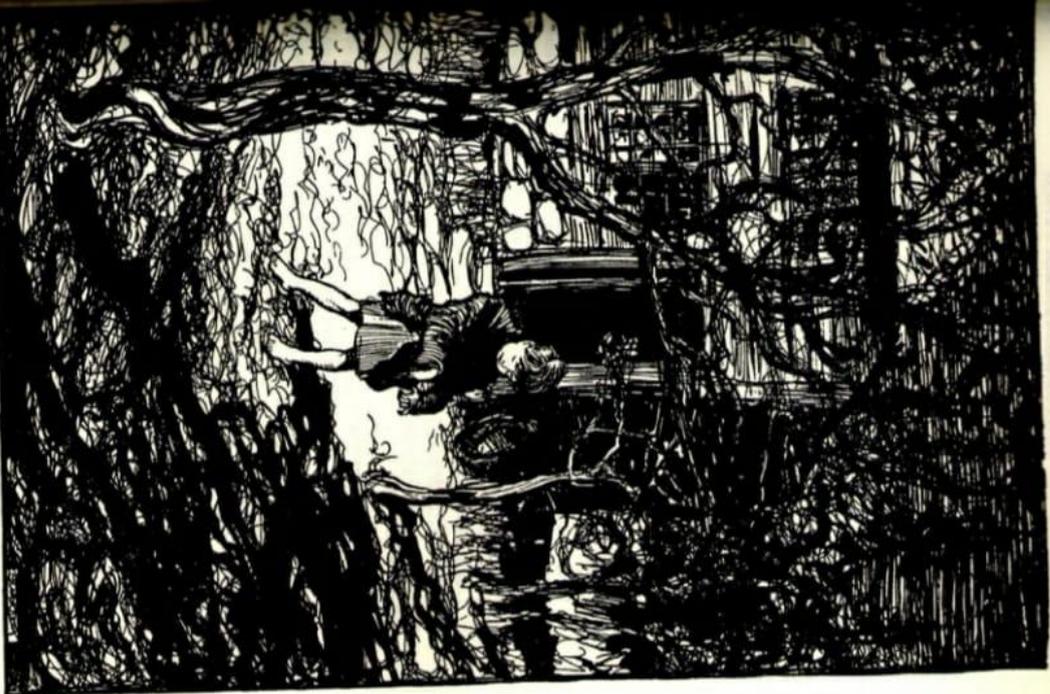
Quando João e Maria se aproximaram, ela riu maldosamente com seus botes e disse com desdém:

— Agora apanhei-os, eles não me escaparão.

Levantou-se cedo na manhã seguinte antes de as crianças acordarem e, quando as viu adormecidas com lindas bochechas rosadas, murmurou: "Vou dar um petisco saboroso."

Segurou João com a mão ossuda e levou-o para um estábulo onde o prendeu atrás de uma porta com grades. Ele poderia gritar o quanto quisesse que ela não se incomodaria. Foi em seguida buscar Maria, sacudiu-a até acordá-la e gritou:

— Levante-se, preguiçosa, vá buscar água e cozinhe uma coisa gostosa para o seu irmão; ele está no estábulo e tem de ser engordado. Quando estiver bem gordo eu o comerei.



Maria começou a chorar de amargura, mas não adiantou, teve de obedecer as ordens da bruxa. A melhor comida era preparada para o pobre João, Maria só comia cascas de camarões de água doce.

Toda manhã a velha ia mancar até o estábulo e gritava:

— João, me mostre o seu dedo para eu ver o quanto você já engordou. João estendia um ossinho e a velha, que tinha a vista fraca e não enxergava direito, pensava que era um dedo e ficava muito admirada que o menino não engordasse.

Como se passaram quatro semanas e João continuava magro, ela se impacientou e não quis mais esperar.

— Agora, Maria — gritou —, mexa-se e vá buscar água. Gordo ou magro, amanhã vou matar e comer João.

Ah, como a pobrezinha chorou. Enquanto carregava a água, as lagritmas escorriam por suas faces.

— Meu bom Deus, nos ajude! — pediu. — Se as feras na floresta tivessem nos devorado, ao menos teríamos morrido juntos.

— Pode poupar as lamentações, não vão adiantar — disse a velha.

Cedo pela manhã Maria teve de sair para encher a chaleira com água depois acender o fogo e pendurar a chaleira para a água ferver.

— Primeiro vamos assar o pão — disse a bruxa. — Já esquentei o forno e preparei a massa.

E empurrou a pobre Maria na direção do forno, dizendo:

— Entre para ver se está bem aquecido e então poremos o pão aí dentro. Ela pretendia, quando Maria tivesse entrado, fechar a porta do forno e assá-la.

Mas a menina percebeu sua intenção e respondeu:

— Não sei como entrar. Como devo fazer?

— Sua pateral! — exclamou a bruxa. — A porta é bastante grande, você pode ver que até eu poderia entrar!

A bruxa se aproximou e meteu a cabeça no forno. Mas Maria deu-lhe um empurrão que a arremessou para dentro, em seguida bateu a porta e passou a tranca no forno.

— Oh! Oh! — ela começou a dar gritos horríveis. Mas Maria fugiu e deixou a bruxa morrer sozinha.

Correu então o mais rápido que pôde ao estábulo. Abriu a porta e gritou: — João, você está salvo. A bruxa velha morreu.

João saltou como um pássaro para fora da gaiola quando Maria abriu a porta. Como os dois ficaram contentes! Cafaram nos braços um do outro, se beijaram e dançaram de felicidade.

Não havendo mais nada a temer, entraram na casa da bruxa e encontraram arcaz cheias de pérolas e pedras preciosas por todo canto.

— São melhores que as pedrinhas — disse João enquanto enchia os bolsos.

— Preciso levar alguma coisa para casa também — comentou Maria e encheu o avental.

— Agora temos de ir — lembrou João —, precisamos conseguir sair desta floresta encantada.

Não tinham ido muito longe quando depararam com um lago.

— Não podemos atravessá-lo — disse João —, não estou vendo pedras submersas nem ponte.

— E também não há barcos. Mas tem um pato nadando. Ele nos ajudará se lhe pedirmos. — Então Maria gritou:

— Não tem caminho nem ponte e não poderemos passar.

Nos leve depressa nas costas, patinho que está aí a nadar!

O pato veio nadando ao seu encontro, João montou em suas costas e disse à irmã para sentar em seu colo.

— Não — respondeu Maria —, ficarei pesado demais para o pato; ele precisa nos levar um de cada vez.

A boa ave assim fez e, quando estavam na outra margem sãos e salvos, caminharam durante mais algum tempo. A floresta começou a parecer familiar, e por fim avistaram ao longe a casa do pai. Saíram correndo e irromperam pela casa, onde se aitariam ao pescoço do pai. O homem não tivera um único minuto de felicidade desde que abandonara os filhos na floresta. E nesse meio-tempo sua mulher morrera também.

Maria sacudiu o avental e espalhou as pérolas e as pedras preciosas por todo o chão, e João acrescentou outro tanto que foi tirando aos punhados dos bolsos.

Com isso todas as suas aflições terminaram e eles viveram juntos na maior felicidade possível.

A GATA BORRALHEIRA – IRMÃOS GRIMM



A GATA BORRALHEIRA



A MULHER DE UM RICAÇO ADOCEU e, quando sentiu que seu fim se aproximava, chamou a única filha do casal ao seu quarto e disse: – Filha, querida, continue a ser devota e boa, assim Deus sempre a ajudará, e lá do céu eu olharei por você e a protegerei.

Dizendo isso a mulher fechou os olhos e deu o último suspiro. A menina continuou sendo devota e boa, e todo dia ia ao túmulo da mãe e chorava. Quando chegou o inverno, a neve cobriu o túmulo com um manto branco, e quando o sol de primavera tornou a descobri-lo, o homem se casou outra vez. A nova mulher trouxe suas duas filhas, que eram agradáveis e bonitas por fora, mas malvadas e feias por dentro.

Assim começou um período de tristezas para a infeliz enteada.

– Essa pateta vai se sentar conosco na sala? – perguntavam elas.

– Quem quer comer o pão tem de trabalhar para ganhá-lo; vá se sentar com a ajudante de cozinha.

Confiscaram-lhe suas roupas bonitas, a fizeram vestir uma roupa cinzenta e lhe deram tamoios de madeira para calçar.

– Olhem só como a orgulhosa princesa está bem-vestida – caçorram ao levá-la para a cozinha. Ali a menina foi obrigada a fazer trabalhos pesados de manhã à noite, a se levantar com o nascer do sol, a carregar água, acender o fogão, cozinhar e lavar. Não satisfeitas, as irmãs lhe infligiam todos os vexames em que conseguiam pensar; zombavam dela e atiravam ervilhas e lentilhas no borralho para obrigá-la a se sentar para catá-las. À noite, quando ela estava exausta de tanto trabalhar, não tinha cama a que se recolher e ia se deitar no fogo sobre as cinzas. Por isso parecia sempre empoeirada e suja e chamavam Borralheira.

Aconteceu um dia que o pai decidiu ir a uma feira. Perguntou então às duas enteadas o que gostariam que ele lhes trouxesse:

— Roupas finas — disse uma.

— Pérolas e joias — disse a outra.

— E você, Cinderela? — perguntou ele. — Que gostaria?

— Pai, quebre o primeiro galho que rogar o seu chapéu quando estiver voltando para casa.

Muito bem, para as duas enteadas ele trouxe belas roupas, pérolas e joias, e na volta para casa, ao passar por um arvoredo verdejante, roçou nele um raminho de aveleira que derrubou o seu chapéu. Então o homem partiu-o e levou.

Quando chegou em casa deu às duas enteadas o que haviam pedido e à Borrallheira deu o raminho de aveleira.

Borrallheira agradeceu ao pai, foi ao túmulo da mãe e ali plantou o raminho: chorou tanto que suas lágrimas o regaram, e o raminho criou raízes e se tornou uma bela árvore.

Borrallheira ia ao túmulo três vezes por dia, chorava e rezava, e todas as vezes um passarinho branco vinha se empoletrar na árvore; quando ela formulava um desejo, o passarinho lhe atirava o que pedira.

Então aconteceu que o rei anunciou um festival de três dias ao qual todas as moças bonitas do reino foram convidadas para que seu filho, o príncipe, pudesse escolher uma noiva.

Quando as duas enteadas souberam que também iriam comparecer, ficaram muito animadas, chamaram Borrallheira e disseram:

— Escove os nossos cabelos e limpe os nossos sapatos e ativele nossos cintos, porque vamos à festa no palácio do rei.

Borrallheira obedeceu, mas chorou, porque teria gostado de acompanhá-las ao baile, e pediu à madrastra licença para ir também.

— Você, Borrallheira! — exclamou. — Ora, você está coberta de cinzas e sujeira. Você é ao festival! Nem ao menos tem roupas e sapatos, e ainda assim quer ir ao baile?

Como ela continuasse a insistir, a madrastra disse:

— Muito bem, joguei um prato de lentilhas no borralho. Se você as catar em duas horas poderá ir conosco.

A moça saiu pela porta dos fundos para ir ao jardim e disse:

— Pombos geniais, rolinhas e passarinhos que há no céu, venham me ajudar.

As boas no prato separaram, as ruins levem para plantar.

Então dois pombos brancos entraram pela janela da cozinha, no que foram seguidos pelas rolinhas, e finalmente todos os passarinhos no céu vieram pindo e pousaram no borralho. E os pombos disseram sim com cabeleirinha, e bica que bica puseram todas as lentilhas boas no prato. Nem bem uma hora se passaram, eles tinham terminado e torrado a sair pela janela.

Então a menina levou o prato para a madrastra, contente, pensando que agora poderia acompanhá-las à festa.

Mas a madrastra disse:

— Não, Borrallheira, você não tem roupas e não sabe dançar; só irão rithe você.

Mas quando a menina começou a chorar, a madrastra disse:

— Se em uma hora você conseguir catar dois pratos cheios de lentilhas do borralho, poderá ir conosco.

E pensou: "Ela jamais conseguirá fazer isso."

Depois que a madrastra atirou os pratos de lentilha no borralho, a moça saiu pela porta dos fundos e chamou:

— Pombos geniais, rolinhas e passarinhos que há no céu, venham me ajudar.

As boas no prato separaram, as ruins levem para plantar.

Então dois pombos brancos entraram pela janela da cozinha, no que foram seguidos pelas rolinhas, e finalmente todos os passarinhos no céu vieram pindo e pousaram no borralho, e em menos de uma hora tudo tinha sido catado e eles tinham partido.

Então a moça levou o prato para a madrastra, alegre, pensando que agora poderia acompanhá-las à festa.

Mas a madrastra disse:

— Não adiantou nada. Você não pode ir conosco porque não tem roupas e não sabe dançar. Sentiríamos muita vergonha de você.

E dizendo isso deu-lhe as costas e saiu apressada com suas orgulhosas filhas.

Assim que elas saíram de casa, Borrallheira foi ao túmulo da mãe sob a aveleira e disse:

— Balance e tremia, arvoreta amada,

e me cubra toda de ouro e prata.

Então o passarinho atirou um vestido de ouro e prata e um par de sapatos bordados com fios de seda e prata. Às pressas ela se vestiu e foi. Mas a

madrasta e suas filhas não a reconheceram e acharam que ela era uma princesa estrangeira, tão bela estava com seu vestido dourado. Nem pensaram em Borracheira, imaginaram que estivesse sentada ao pé do borralho catando as lençóis nas cinzas.

O príncipe se aproximou da desconhecida, tomou-a pela mão e dançaram. De fato, ele não quis dançar com mais ninguém e em nenhum momento largou a mão da moça. Se alguém se aproximava e a convidava para dançar, ele dizia: "Ela é o meu par."

Borracheira dançou até anoitecer, e então quis se retirar, mas o príncipe disse:

— Vou acompanhá-la a sua casa.

Ele queria ver a quem a bela moça pertencia. Mas Borracheira escapou do príncipe e correu para o pombo.

Então o príncipe esperou o pai dela chegar em casa e lhe contou que a moça desconhecida desaparecera no pombo.

O velho pensou: "Será Borracheira?" E mandou trazer um machado para demolir o pombo, mas não havia ninguém lá dentro.

Quando chegaram em casa, lá estava Borracheira com suas roupas sujas no meio das cinzas e um lampião a óleo brilhando fracamente a um canto do fogão. Ela descera do pombo sem fazer barulho e correa de volta à aveleira. Ali despira seus belos trajes, estendera-os sobre o túmulo e um passarinho os levava embora. Em seguida ela se acomodara no borralho do fogão com sua roupa velha e cinzenta.

No segundo dia, quando começou a festa e seu pai, a madrasa e as filhas já haviam saído, Borracheira dirigiu-se à aveleira e disse:

— Balance e trema, arvoreta amada,
e me cubra toda de ouro e prata.

Então o passarinho lhe atirou roupas ainda mais bonitas do que as do dia anterior. E quando ela apareceu na festa assim vestida, todos ficaram assombrados com a sua beleza.

O filho do rei aguardava sua chegada e imediatamente tomou-a pela mão, e ela não dançou com mais ninguém. Quando os outros se aproximavam para convidá-la a dançar ele dizia: "Ela é o meu par."

Ao anoitecer Borracheira quis se retirar, mas o príncipe a seguiu na esperança de ver em que casa entrara, mas ela correu para o quintal de sua casa. Ali havia uma grande árvore da qual pendiam pedras deliciosas. A moça subiu

por entre os galhos com mais agilidade que um esquilo, e o príncipe não conseguiu imaginar onde teria desaparecido.

Mas ele esperou até o pai dela chegar em casa e disse:

— A moça desconhecida fugiu de mim e acho que subiu na pereira.

O pai pensou: "Será Borracheira?" E mandou vir o machado e pôs abaixo a pereira, mas não havia ninguém ali.

Quando entraram em casa e espiaram na cozinha, lá estava sua filha no borralho como sempre; ela descera pelo outro lado da árvore, devolvera as roupas ao passarinho na aveleira e tornara a vestir seu vestido velho e cinzento.

No terceiro dia, quando o pai, a madrasa e as irmãs partiram, Borracheira tornou a se dirigir ao túmulo da mãe e disse:

— Balance e trema, arvoreta amada,
e me cubra toda de ouro e prata.

Então o passarinho lhe atirou um vestido tão magnífico como ninguém nunca vira igual e um par de sapatos incrivelmente dourados. Quando ela apareceu na festa nesses trajes, os convidados ficaram mudos de assombro. O príncipe dançou somente com ela e, se mais alguém a convidava para dançar, dizia: "Ela é o meu par."

Quando anoiteceu e Borracheira quis se retirar, o príncipe desejou ainda mais fortemente acompanhá-la, mas ela saiu correndo tão depressa que o deixou para trás. Mas dessa vez ele usara um estratagemma, mandara cobrir a aveleira com cera de sapateiro. Assim, quando a moça desceu correndo, seu sapato esquerdo ficou preso em um degrau. O príncipe apanhou-o. Era pequeno e delicado e incrivelmente dourado.

Na manhã seguinte, ele procurou o pai de Borracheira e disse-lhe:

— Nenhuma outra moça será minha esposa a não ser aquela em que este sapato dourado couber.

As duas irmãs ficaram encantadas, pois as duas tinham belos pés. A mais velha entrou na sala para experimentar o sapato e a mãe postou-se ao seu lado. Porém, o dedão do seu pé impediu que ela o calçasse, seu pé era longo demais.

Então a mãe lhe entregou uma faca e disse:

— Corte o dedão; quando você for rainha não precisará mais andar.

A moça cortou o dedão, forçou o pé a entrar no sapato, sufocando a dor, e saiu com o príncipe. Então ele a ergueu para montá-la em seu cavalo como sua noiva e partiu.

Mas, no caminho, tiveram de passar pelo túmulo e lá estavam na aveleira dois pombo, que cantaram:

— Olhe para trás, lhe pedimos, olhe para trás,
há um rastro de sangue em seu caminho,
porque o sapato é por demais pequenino,
e sua noiva ainda o aguarda em casa, verá.

Ele olhou para o pé da moça e viu o sangue que escorria. Deu meia-volta e tornou à casa com a falsa noiva dizendo que não era a moça certa: a segunda irmã devia experimentar o sapato.

Então ela entrou na sala e conseguiu enfiar os dedos no sapato, mas seu calcanhar era grande demais.

A mãe lhe entregou uma faca e disse:

— Corte um pedaço do calcanhar: quando você for rainha não precisará mais andar.

A moça cortou o calcanhar, forçou o pé a entrar no sapato, sufocando a dor, e saiu com o príncipe.

Ele a ergueu, montou-a no cavalo acreditando que fosse sua noiva e partiu.

Ao passarem pelo túmulo, os dois pombo que estavam na aveleira cantaram:

— Olhe para trás, lhe pedimos, olhe para trás,
há um rastro de sangue em seu caminho,
porque o sapato é por demais pequenino,
e sua noiva ainda o aguarda em casa, verá.

Ele olhou para o pé da moça e viu que escorria sangue e havia manchas escuras em suas meias. Então deu meia-volta e levou a falsa noiva para casa.

— Esta também não é a moça certa — disse ele. — O senhor não tem outra filha?

— Não — disse o homem. — Só resta uma filha da minha falecida esposa, uma servicial insignificante e mirrada, mas não é possível que seja a moça que procura.

O príncipe disse que deviam trazê-la.

Mas a madrastra respondeu:

— Ah, não, ela está muito suja: não pode ser vista em hipótese alguma. Mas ele estava absolutamente decidido a ter o seu pedido atendido: e eles foram obrigados a chamar Borrallheira.

Depois que lavou as mãos e o rosto, ela foi à sala e fez uma reverência ao príncipe que lhe entregou o sapato dourado.

Ela se sentou em um banco, tirou os ramancos de madeira e calçou o sapato que coube certinho em seu pé.

E quando se levantou o príncipe olhou bem o seu rosto, reconheceu a linda moça com quem dançara e exclamou:

— Esta é a noiva certa!

A madrastra e suas filhas ficaram desoladas e brancas de tanta raiva: mas ele montou Borrallheira em seu cavalo e partiu.

Ao passarem pela aveleira os pombo brancos cantaram:

— Olhe para trás, lhe pedimos, olhe para trás,
não há um rastro de sangue em seu caminho,
o sapato *não* é pequenino demais,
para o palácio a noiva certa levará.

E dizendo isso os dois desceram e pousaram nos ombros de Borrallheira, um no direito, outro no esquerdo e ficaram empoleirados ali.

Na hora do casamento, as duas falsas irmãs apareceram para adular Borrallheira e participar de sua boa sorte. Quando o cortejo nupcial se dirigiu à igreja, a mais velha se sentou à sua direita e a mais nova à esquerda, e os pombo furaram um olho de cada uma.

Mas, na saída da igreja, a mais velha ficou à esquerda e a mais nova à direita, e os pombo furaram o outro olho de cada uma. Assim a maldade e a falidade delas foram punidas para o resto da vida com a cegueira.

Anexo 6 - Sistematização sobre as características dos contos de fadas

OS CONTOS DE FADA

O que são conto de fadas?

Os contos de fadas são uma variação do conto popular, fábulas ou lendas. Tem sua origem na tradição oral, e por isso são narrativas curtas e povoadas de aspectos mágicos e miraculosos. Geralmente, sua estrutura é composta pela luta do herói ou heroína contra o mal. Alguns exemplos: _____; _____; _____.

Como surgiram os contos de fada?

A origem dos contos de fada está nas narrativas orais folclóricas da Europa Ocidental. Esses contos populares foram recolhidos principalmente por estudiosos como Charles Perrault, Jacob e Wilhelm Grimm e Hans Christian Andersen, mas existem inúmeras outras fontes. A evolução dos contos de fada passou desde as histórias contadas oralmente, até os romances de cavalaria, romances preciosos, tornando-se uma “febre” nos séculos XVIII e XIX.

Os contos de fada sempre foram histórias para crianças?

Não. Os contos de fada foram transformados em histórias para crianças somente por idos do século ???. Antes disso, os contos de fada já foram histórias de assustar, alertando as moças sobre os perigos das cidades, com temas de estupro, violência e mutilação, já foram histórias para divertir os adultos, contadas em volta de fogueiras, já foram literatura muito apreciada nas cortes dos reis, até serem recolhidas, suavizadas e destinadas a divertir as crianças e adultos com histórias de sonho, romance e fantasia. Mas até hoje ainda se conservam algumas histórias com finais tristes e chocantes.

Como os contos de fada são tratados hoje?

Os contos de fada fazem parte da nossa identidade, da nossa cultura. Todos os dias, escutamos músicas, vemos filmes, propagandas, ouvimos e lemos histórias que contam, recriam ou citam essas narrativas.

Anexo 7 - Roteiro

ROTEIRO

As perguntas abaixo servem para orientar sua produção de um pequeno texto (10-15 linhas) sobre as características do texto lido.

Quem é o personagem principal dessa história?

Por quais infortúnios o personagem principal passa?

Há elementos mágicos nessa história? Quais?

A tarefa deles é para o bem ou para o mal?

Você acha que o texto traz algum tipo de mensagem, ou moral da história? Se sim, qual?

Você consegue identificar outras histórias (literatura, cinema, música, novela, etc.) que contenham elementos da história que lemos?

Com base em todas as suas respostas, como você classificaria o tipo do texto que lemos? Por quê?